

*A COMUNICAÇÃO PÚBLICA DA PANDEMIA AVALLADA A PARTIR DA TEORIA DA ESPIRAL DO SILÊNCIO**

*Raphael Leal de Oliveira Sanches***

RESUMO

Este estudo resgata a pesquisa da teoria da espiral do silêncio, fruto do mass communication research. O principal objetivo deste artigo é ajudar a compreender a construção de uma comunicação ética, com base nesta teoria, no contexto pandêmico atravessado. Ao responder a pergunta sobre como as teorias citadas afetam a comunicação pública na pandemia, é possível encontrar alguns erros adotados por determinados telejornais, conforme estudos já publicados, ao optar pela condução monotemática sobre a pandemia, por exemplo. A presente pesquisa está alicerçada no estudo documental descritivo com o levantamento bibliográfico, além da pesquisa qualitativa para contribuir com a compreensão do fenômeno estudado. O referencial teórico está alicerçado por Habermas, Luis Mauro Sá Martino e Walter Lippmann, recorrendo ao método documental descritivo para alcançar seus objetivos.

Palavras-chave: COVID-19. Espiral do silêncio. Pandemia. Teoria da Comunicação.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa foi idealizada diante do estudo de algumas Teorias da Comunicação existentes. Entre as formulações teóricas, foi selecionada a Espiral do silêncio, avaliando como seu conceito permite analisar o contexto pandêmico atravessado.

A comunicação adotada pelos dois maiores telejornais do país: Jornal Nacional (JN) – TV Globo e Jornal da Record (JR), pode ser considerada falha durante o início da pandemia devido a postura monotemática assumida, conforme pesquisa realizada por Cajazeira et al.(2020) – principalmente

* Trabalho apresentado como requisito parcial para avaliação da disciplina “Correntes Teóricas da Comunicação”, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo (Umesp), ministrada pelo Prof. Dr. Dimas A. Künsch no segundo semestre letivo do ano de 2021.

** Pós-graduado em Produção para TV Interativa pela Universidade Metodista de São Paulo (Umesp), Jornalista - UNIFATEA e Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Umesp. Orientador: Prof. Dr. Ivan Paganotti. E-mail: raphaelleoliveira@yahoo.com.br

entre os meses de fevereiro a abril de 2020. A monotematização (CAJAZEIRA et al., 2020) se refere a postura do programa que assume a cobertura de único assunto durante todo o tempo de sua exibição. Esta postura, no contexto da pandemia da COVID-19, não contribuiu para a informação da população, levando boa parte destas pessoas a sintomas como ansiedade, depressão e estresse.

No decorrer dos próximos parágrafos, a presente pesquisa realiza a revisão biográfica de como surgiram as teorias da comunicação nos Estados Unidos, ressaltando a consequência da Espiral do silêncio na pandemia da COVID-19 e de que forma esta comunicação, na atual conjuntura, pode ser utilizada como reflexão nos efeitos da comunicação na sociedade sem o risco da influência externa da desinformação – principal adversário da comunicação, gerando atrasos, inércia e confusão do público, diante do excesso ou repetição das informações diárias recebidas.

1. O ESTUDO NORTE AMERICANO DA COMUNICAÇÃO – MASS COMMUNICATION RESEARCH

Segundo França e Simões (2017) em 1930 nasce nos Estados Unidos um estudo voltado para os meios de comunicação em massa. Foi justamente este estudo que marcou a origem da Teoria da comunicação. “Este nascimento teve paternidade reconhecida; quatro pesquisadores são apontados como ‘pais fundadores’ da pesquisa em comunicação. São eles: Paul Lazarsfeld, Harold Lasswell, Kurt Lewin e Carol Hovland”. (FRANÇA e SIMÕES, 2017, p.4).

Conforme Martino (2009), a explicação destes estudos terem surgido nos Estados Unidos foi justamente a grande potencialidade dada aos meios de comunicação já existentes: França (cinema e fotografia), Itália (rádio), Alemanha (jornal) e na Europa (revistas e jornais).

O público americano consumia imensas tiragens de jornais. Os leitores se convertiam rapidamente em ouvintes de rádio e espectadores de cinema. A demanda levou ao crescimento, e a produção americana de notícias e entretenimento se tornou rapidamente uma das maiores do mundo – provavelmente, por volta de 1910, já não havia concorrente direto de Hollywood em número de filmes produzidos. (MARTINO, 2009, p. 19).

Martino (2009) segue refletindo que diante deste crescimento dos meios de comunicação em massa nos Estados Unidos apresentado, a propaganda

política e de guerra começaram a preocupar os pesquisadores. A democracia, portanto, estava em risco: os meios de comunicação mal-usados dão caminho ao autoritarismo. “Eram necessários resultados rápidos para explicar o que estava acontecendo e serem aplicados imediatamente.” (MARTINO, 2009, p. 20).

Não é por acaso que as primeiras escolas de comunicação também aparecem nos Estados Unidos, mais ou menos na mesma época. A Escola de Jornalismo da Universidade de Colúmbia foi fundada por George Pulitzer ainda no final do século 19. A mídia ganhava status acadêmico na medida em que sua importância na vida social aumentava. (MARTINO, 2009, p. 20).

Outros estudos vão surgindo. França e Simões (2017) lembram que o fim da década de 20 e início da década 30 são marcados pelo aparecimento da “corrente e estudos sobre a cultura da sociedade industrial, que também exerceu uma influência decisiva na orientação de estudos posteriores sobre os meios de comunicação – a Teoria Crítica, ou Escola de Frankfurt, como é mais conhecida” (FRANÇA e SIMÕES, 2017, p.4). Apesar de Jürgen Habermas ser posterior aos autores citados da Teoria da Comunicação (Martino, 2009), seu estudo sobre comunicação e a influência na esfera pública europeia remete ao início do século XVII. Um dos últimos integrantes da Escola de Frankfurt, Habermas (2014), percebeu que a política já se colocava como forte influência sobre a liberdade de expressão. Martino (2009) também apresenta esta influência na sociedade americana e que, portanto, se espalharia por todo o mundo.

Neste caso citado por Martino (2009), o estadunidense, Walter Lippmann é um bom exemplo. Lippmann já discutia o tema sobre a Opinião Pública antes de Habermas. Segundo, Martino (2009), foi um dos primeiros estudos empenhado em compreender os meios de comunicação em massa, tornando-se, rapidamente, um clássico na área. Na pesquisa, Lippmann (2010) ressalta o papel informativo do jornal impresso dentro desta articulação em diferentes partes da sociedade. O jornal, quando chega ao leitor, é resultado de diversas escolhas sobre assuntos e lugares que devem ser publicados. “ (...) quanto espaço cada estória deve ocupar, que ênfase deve ter. Não há padrões objetivos aqui. Existem convenções.” (LIPPMANN, 2010, p.301).

Para Martino (2009), um dos resultados práticos gerados pelo mass communication research é o surgimento dos modelos teóricos para analisar a comunicação. Ressaltando o objetivo deste estudo que é, justamente, demons-

trar os efeitos da comunicação pública durante a pandemia da COVID-19, um bom exemplo de modelo teórico da comunicação, neste caso, é a teoria da Espiral do silêncio.

2. *ESPIRAL DO SILÊNCIO*

A Teoria da Espiral do Silêncio, conforme Alexandre (2018), surgiu em 1974, “num artigo de Noelle-Neumann intitulado ‘The spiral of silence: a theory of public opinion’. (ALEXANDRE, 2018, p. 177). Segundo Martino (2009), a alemã Elizabeth Noelle-Neuman, usou conceitos da psicologia social e pesquisas sobre a opinião pública para comprovar que opiniões divulgadas pelos meios de comunicação tendem a se tornarem públicas. “A ideia da Espiral do Silêncio mostra que uma opinião, uma vez disseminada pela mídia, tende a ser progressivamente aceita como pública.” (MARTINO, 2009, p. 215).

Martino (2009) ressalta que Noelle-Neumann caracteriza a opinião como “a pele social” demonstrando que as ações de uma pessoa, pensamentos e atos, são percebidos facilmente. Segundo o autor, a alemã, na formulação da teoria, faz comparações entre a aparência e a realidade perceptível, afirmando que a realidade social perceptível pode ser transformada, reconstruída, por exemplo, pelos meios de comunicação, sem que isso altere o fato ocorrido.

A percepção de uma opinião como dominante não significa, em absoluto, que essa opinião seja dominante. No entanto, na medida em que é percebida como tal, os indivíduos tendem a agir guiados por essa percepção mais do que por qualquer coisa. Assim, uma opinião percebida como dominante tem chances de se tornar dominante. (...). A regra da maioria progressivamente inibe a manifestação de qualquer pensamento contrário. E isso leva ao conceito de ‘silêncio’. (MARTINO, 2009, p. 215-216)

Noelle-Neuman, segundo Martino (2009), destaca na autoria do estudo que o ser humano tem receio de se sentir sozinho socialmente. Ou seja, diante de um grupo de pessoas, o indivíduo não quer se sentir isolado neste grupo. Martino (2009) destaca que o fato de se sentir solitário é um “desconforto psicológico” causado na pessoa por possuir pensamentos, ações e discursos contrários ao pensamento predominante do grupo que pertence. Com isso, manter um posicionamento diferente do grupo é uma realidade desgastante e com poucos benefícios.

Assim, para evitar o isolamento, há uma tendência do indivíduo com opinião contrária ao silêncio. (...). Dessa maneira, chega-se à ‘espiral’ do título: quanto mais forte uma opinião parece ser, menos oponentes ela encontra: quanto menos oponentes ela encontra, mais forte ela se torna.

(...).

O medo do isolamento leva ao silêncio; o silêncio reforça a opinião dominante – a noção de uma espiral indica o movimento de consolidação no tempo. (MARTINO, 2009, p. 216-217).

Ou seja, é uma questão de tempo para que a opinião primária prevaleça sobre a secundária. Esta realidade se encaixa perfeitamente, segundo Montesanti (2022), com o início da campanha de vacinação do ano passado – onde foi enfrentado dificuldades para a plena aceitação da população. Vários conteúdos chegaram a sociedade alertando para o perigo da vacinação e os riscos que poderiam trazer à saúde, dividindo a opinião dos brasileiros (MONTESANTI, 2022).

3. A ESPIRAL DO SILÊNCIO E O REFLEXO NAS CAMPANHAS DE VACINAÇÃO

Desta forma, a Teoria da Espiral do Silêncio pode ser útil para compreender principalmente, o tempo mais difícil da campanha de vacinação – 1º semestre de 2021. Ou seja, parte da população contrária a vacinação, não correspondeu aos apelos iniciais da campanha pró-vacina. Nesta época, o posicionamento do próprio presidente da República, contribuiu para aumentar a dúvida na população sobre a eficácia da vacina, afirmando por diversas vezes que não se vacinaria: “Como sempre, eu nunca fugi da verdade, eu te digo: eu não vou tomar vacina. E ponto final. Se alguém acha que a minha vida está em risco, o problema é meu. E ponto final”. (LOPES, 2022).

Apesar do posicionamento do chefe do executivo não alterar durante dois anos da pandemia, totalizando mais de 40 manifestações contrárias a vacinação (LOPES, 2022), com o passar do tempo a dúvida da população sobre se vacinar ou não se vacinar, modificou. E a mensagem para a vacinação passou a ser, progressivamente, aceita. (MARTINO, 2009).

As redes sociais, foram outro campo a se enxergar constante manifestação dos pró e contra vacina (Montesanti, 2022): o medo de se sentir

sozinho ou isolado numa opinião contrária a da maioria (Martino, 2009) fez, também, que a opinião dos contra vacina fosse transformada, se convencendo e aceitando o posicionamento da grande maioria da população. Conforme expresso por Martino (2009), a opinião do mais forte se estabelece com o passar do tempo sobre a opinião do mais fraco.

Diversas pesquisas científicas foram publicadas e difundidas pelos meios de comunicação (SÃO PAULO, 2022), reforçando a eficácia das vacinas, isolando, desta forma, qualquer discurso ou pensamento contrário. No site do Instituto Butantan foram divulgadas informações referentes a eficácia na produção e distribuição das vacinas CoronaVac.

A CoronaVac foi o imunizante que iniciou a vacinação contra a Covid-19 no Brasil, protegendo profissionais da saúde e pessoas acima de 60 anos. Em poucos meses, a queda da mortalidade entre idosos já pode ser sentida, comprovando novamente a efetividade da vacina. (SÃO PAULO, 2022).

Esta ambiguidade na informação pode causar sérias consequências na postura e conduta da população - principal destinatário desta informação. Maximiliano e Siqueira (2014), afirmam que as funções da comunicação e disfunções estão separados de forma quase imperceptível. Os autores exemplificam: os constantes avisos de perigo e riscos podem, em vez de ser um sinal de alerta, causar pânico e medo, desta forma, a função ou o objetivo daquela mensagem se perde e, portanto, a mensagem não causará efeito.

Recebemos informação demais, o tempo todo. E se torna cada vez mais difícil filtrar estas informações. Às vezes o que deveria ser uma função, acaba por se tornar uma disfunção da comunicação, na medida em que o “status” de cidadão bem informado é mais importante do que estar efetivamente bem informado. (MAXIMILIANO e SIQUEIRA, 2014, p. 12).

Conforme, Martino (2009), manter a sociedade “ocupada” com muitas informações, ou distraída, é mais fácil para convencer esta mesma sociedade, sabendo que o indivíduo aceitará a opinião mais embasada e da grande maioria das pessoas sem questionamento algum.

A cobertura do telejornalismo brasileiro foi primordial para informar a população o que estava acontecendo nesta pandemia da COVID-19 e favorecer a mudança de postura a respeito da vacinação. Diante do aumento

dos casos de contaminação e número de mortos pelo novo coronavírus, os principais telejornais existentes até então – Jornal Nacional (JN), da TV Globo e Jornal da Record (JR), da TV Record – assumiram a postura de monotematização sobre a pandemia em suas edições exibidas entre janeiro a maio de 2020, conforme Cajazeira et al. (2020). O pico de maior incidência de matérias sobre a COVID-19, foi entre os meses de fevereiro a abril de 2020, demonstrando acentuada utilização da monotematização, principalmente por parte do JN, como estratégia de exibição. “De fato, trata-se de um momento de uma cobertura monotemática – como já visualizado em outros momentos, mas de forma mais acentuada - precedido e seguido de uma forte predominância da temática da Covid-19 nas reportagens do Jornal Nacional.” (CAJAZEIRA et al., 2020, p.11).

4. O EFEITO NEGATIVO DA CONSTANTE INFORMAÇÃO

O jornalismo televisivo foi um dos principais meios de informação, até mesmo pelo isolamento social adotado na época. (KANTAR Ibope Media, 2021). Com isso, as pessoas acompanharam, constantemente, as informações pela televisão. (MAXIMILIANO e SIQUEIRA, 2014).

Sendo assim, a ação da monotematização, adotada de forma mais acentuada pelo JN (CAJAZEIRA et al., 2020), não contribuiu para que a população adotasse, livremente, as medidas e cuidados sanitários no início da pandemia. Esta ação, pode assustar mais o indivíduo, o levando a depressão, atraso na ação, medo de sair de casa e de morrer, algo potencializado, também pelo isolamento social vivido em 2020. (KANTAR Ibope Media, 2021).



Figura – 1: consequência da constante informação no início da pandemia

Fonte: KANTAR Ibope Media, 2021.

Conforme Figura – 1, das 77% das pessoas que afirmaram que o telejornalismo foi importante para se manterem informadas no início da pandemia, mais da metade deste mesmo número de pessoas (41%) reconheceram que o noticiário foi um agente que gerou estresse e ansiedade no seu dia a dia, conforme KANTAR Ibope Media (2021). As constantes informações sobre a atualização do número de contaminados e de novos casos da doença (BRASIL, 2022), fez também, com que a população se preocupasse menos com este tipo de informação, acreditando viver uma consequência da pandemia já esperada como o ocorrido em outros países pelo mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo buscou resgatar a importância de uma teoria da informação específica. Citar a Espiral do Silêncio, neste estudo, contribui para comprovar que o constante trabalho de esclarecimento dos telejornais, envolvendo discursos, depoimentos dos órgãos de saúde e seus representantes, auxiliaram as campanhas pró-vacinação. Por outro lado, apesar da teoria de Noelle-Neuman defender que as ideias majoritárias tendem a calar as divergentes, aqui no Brasil, uma pequena parcela da população decidiu seguir o exemplo do presidente da República, optando por não se vacinar e aderindo os discursos e pronunciamentos, do então, chefe de estado. A Teoria da Espiral do Silêncio, portanto, não impede a manutenção de opiniões e pensamentos contrários a maioria, possibilitando a sobrevivência de bolhas de comunicação (nichos) que se unem no discurso com menos abrangência mais com forte organização interna.

Portanto, a comunicação, numa pandemia, bem construída, argumentada e apresentada, tende a ser adotada com maior facilidade pela população. Por outro lado, com o advento das novas tecnologias, a informação se tornou mais democrática e portanto mais suscetível à influência externa da desinformação. Neste caso, a ação jornalística de mostrar sempre os dois lados do fato é uma forma de enfraquecer determinados discursos que tendem a um lado somente da informação. Com isso, se resgata a credibilidade dos meios de comunicação – uma vez que o pró e o contra foram apresentados (os dois lados da informação), não necessitando, por hora, a procura, por outro conteúdo que não foi claro ao indivíduo. Mesmo que esta pessoa receba, via redes sociais, realidades desconhecidas, saberá discernir o que é verdadeiro e falso por já ter analisado, via meio de comunicação credível, os dois lados da informação.

Revisar, aprofundar o estudo e os efeitos da Teoria da Espiral do silêncio na pandemia auxiliam na observação se determinada informação foi bem aplicada combatendo, inclusive, a proliferação da desinformação. Por parte dos meios de comunicação, é preciso ter a coragem de romper com vícios na linguagem comunicativa, abominando influências externas (políticas e econômicas) e potencializando a informação através da verdade. Verdade esta que inclui sempre em mostrar os dois lados da moeda num fato ocorrido. Antecipando as indagações da sociedade, o indivíduo se sentirá mais saciado com a informação recebida, não a procurando em outro lugar ou em atalhos não aconselháveis (desinformação). Por mais que a agilidade na informação seja consequência da modernidade atual, apurar, noticiar e analisar, por todos os lados, a informação, é sempre a ação prudente que potencializa a credibilidade do veículo informativo.

REFERÊNCIAS

- ALEXANDRE, José Carlos. **Uma Genealogia da Espiral do Silêncio**: A expressão da opinião sobre as praxes acadêmicas. Covilhã, Portugal: Editora Labcom. IFP. Universidade da Beira Interior, 2018.
- BRASIL. Ministério da Saúde. COVID-19 NO BRASIL. Disponível em: https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html . Acesso em 22 jan. 2022.
- CAJAZEIRA, Paulo Eduardo Silva Lins et al. A monotematização da cobertura jornalística da Covid-19 no Jornal Nacional e Jornal da Record. **Revista Pauta Geral**: estudos em jornalismo, Ponta Grossa, v.7, p.1-17, 2020. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/pauta/article/view/16968/209209213862> . Acesso em: 15 jan. 2021.
- CAMPOS, Renato de. Teorias da comunicação: as correntes teóricas no estudo da comunicação de massa. Centro Universitário de Araraquara – Uniara. **Revista Uniara**, n. 19, Jan. 8, 2006. Disponível em: <https://revistarebram.com/index.php/revistauniara/article/view/255> . Acesso em: 18 jan. 2022.
- FRANÇA, Vera Veiga; SIMÕES, Paula Guimarães. **Curso básico de Teorias da Comunicação**. Autêntica Editora, 2017.
- HABERMAS, Jürgen. **Mudança Estrutural da Esfera Pública**. São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- SÃO PAULO. Instituto Butantan lança dossiê de estudos científicos que comprovam a eficácia e segurança da CoronaVac. **Instituto Butantan**, São Paulo, 07 jan. 2022. Disponível em: <https://butantan.gov.br/noticias/instituto-butantan-lanca-dossie-de-estudos-cientificos-que-comprovam-a-eficacia-e-seguranca-da-coronavac> . Acesso em: 20 abr. 2022.
- KANTAR, Ibope Média. **Consumo de vídeo bate recorde no Brasil**. Kantaribopemedia, 09 mar. 2021. Disponível em: <https://www.kantaribopemedia.com/consumo-de-video-bate-recorde-no-brasil/> . Acesso em: 16 jan. 2022.
- LOPES, Anna Júlia. Relembre declarações de Bolsonaro sobre a vacinação. **PODER 360**, 17 jan. 2022. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/relembre-declaracoes-de-bolsonaro-sobre-a-vacinacao/> . Acesso em: 19 abr. 2022.

LIPPMANN, Walter. **Opinião Pública**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria da comunicação**. Petrópolis: Vozes, 2009.

MAXIMILIANO, Kelly Cristina; SIQUEIRA, Aline Wendpap Nunes de. Funções e Disfunções da Comunicação: Uma análise das Manifestações de 20 centavos sob olhar da Mídia NINJA. *In*: INTERCOM, 2014, Águas Claras. **Anais [...]**. p. 1-15. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/centroeste2014/resumos/R41-0509-1.pdf> . Acesso em: 18 jan. 2022.

MONTESSANTI, Beatriz. Um ano de vacinação contra Covid: após início problemático, Brasil avança. **CNN Brasil**, 17 jan. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/um-ano-de-vacinacao-contra-covid-apos-inicio-problematico-brasil-avanca/> . Acesso em: 18 jan. 2022.